

O OLHAR DO PESQUISADOR PERANTE A SOCIEDADE E O HOMEM*

Jeani Delgado Paschoal MOURA**

Linha de Pesquisa: Teoria e Método em Geografia

Nível: Doutorado

As visões apresentadas nas figuras 1 e 2 conduzem a uma reflexão acerca da complexidade do mundo atual. Por um lado (figura 2), podemos apreciar a imagem que representa o resultado de um processo histórico/geográfico, fruto do desenvolvimento da técnica, a qual se materializa no espaço, impondo uma nova relação espaço-tempo (SANTOS, 1997), na qual a indústria é símbolo do projeto da modernidade; e, de outro (figura 1), temos uma representação imagética sobre os problemas advindos do desenvolvimento da técnica, refletindo a preocupação da humanidade em relação ao presente e ao futuro do planeta, enquanto habitat de toda civilização.

Tais imagens figurativas propõem a análise deste paradoxo e nos remetem a uma reflexão sobre o papel da ciência em geral e, da Geografia em particular, diante dos grandes dilemas da sociedade contemporânea, pois estamos constantemente (nós pesquisadores e professores) sendo chamados a responder/trazer soluções (ainda que do ponto de vista teórico) para os problemas de nossa contemporaneidade.

Morin (2002), ao analisar o papel da ciência na sociedade, chama a atenção para a relação de complementariedade e retroalimentação, pela qual, a sociedade, por meio de sua racionalidade, produz conhecimento científico/técnico, o qual, ao ser produzido, provoca mudanças no interior da mesma, que se retroalimenta e se desenvolve diante do poder que a técnica lhe proporciona. Eis a lógica da produção do espaço: em sua materialidade, é o resultado do estágio de desenvolvimento da sociedade que, pela apropriação da técnica, transforma este espaço para suprir as necessidades da sociedade capitalista que, ao se apropriar dos poderes que a técnica lhe dá, produz um espaço para a (re)produção do capital.

Dessa forma, Morin apresenta o que traduz como o lado “bom” e o “mau” da ciência, qual sejam, ao mesmo tempo em que esta proporciona um desenvolvimento tecnológico capaz de transformar toda a relação do homem com o seu meio, trazendo-lhe um conforto jamais pensado nos primórdios da civilização, por outro, traz, também, graves problemas em relação ao conhecimento que produz (a exemplo dos problemas apresentados na figura 1).

Lembramos, ainda, que o conhecimento científico produzido por um determinado cientista, muitas vezes, está reconcentrado, ou seja, é apropriado pelo Estado e Empresas Privadas que se utilizam dos poderes que a ciência lhes dá para imporem suas próprias espacialidades. Mas, em Bachelard (1996), encontramos uma motivação quando este afirma que, apesar destas questões, a atividade científica continua sendo uma prática criativa e criadora, capaz de proporcionar a emancipação humana.

Diante do exposto, cabe a argumentação sobre a potencialidade explicativa da ciência geográfica em relação ao seu entendimento da realidade. É importante lembrar que, desde a sua sistematização por Kant, Humboldt e Ritter (século XIX) e, posteriormente, por Hettner, La Blache e Hartshorne (século XX) a Geografia já apresentava uma preocupação quanto à questão da relação homem-meio, sociedade-natureza, sendo a paisagem estudada como o resultado do estágio de desenvolvimento desta relação. No entanto, em sua trajetória, diferentes visões foram se impondo e contribuindo para o que se tem hoje construído em Geografia.

A multiplicidade de saberes que ora convergem, ora se contradizem, reflete as dificuldades em se traduzir a realidade, bem como, as diferentes visões de mundo de seus idealizadores. Assim, para Sposito (1997), após os anos da década de 50 (do século passado), podemos destacar dois grandes grupos paradigmáticos que permitiram o desenvolvimento de pesquisas diferenciadas e que refletem diferentes maneiras de interpretar a realidade.

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2006.

** Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP e professora assistente da Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR. E-mail: jeanimoura@uol.com.br.

O grupo dos neopositivistas, impulsionado por uma visão matematizada, pautada numa postura científica neutra, propunha, em suas pesquisas, um estudo das partes individualizadas para, posteriormente, buscar ligações para o entendimento de determinada realidade. Entendia que a natureza era externa ao homem e este, por sua vez, habitava um mundo externo à natureza; gerava-se, assim, estudos da natureza pela Geografia Física e estudos do homem/sociedade, pela Geografia Humana, reforçando-se a fragmentação do saber, na Geografia, traduzido pela dicotomização entre o físico e o humano.

O outro grupo, destacado pelo autor, refere-se aos que seguiram a matriz teórica do materialismo histórico e dialético, que se pautava na construção de idéias em torno da noção de sociedade conflitiva e contraditória. Nessa perspectiva, as pesquisas fundamentavam-se no estudo da relação sociedade-natureza, mediada pelo trabalho, em que a natureza era vista como recurso a ser apropriado pelo homem por meio do trabalho. Segundo Moraes e Costa (1984), nesta vertente, não houve, *a priori*, a preocupação em estudar o funcionamento dos elementos naturais em seus processos intrínsecos, sendo este um dos pontos que gerou/gera um grande embate entre os geógrafos.

Ainda, no que se refere às diferentes visões e maneiras de se entender o mundo e se emitir explicações acerca de determinada realidade (como as apontadas nas figuras 1 e 2), Gomes (1996) compreende que vivemos um momento de pluralismo metodológico, o pano de fundo das análises geográficas. Nesse sentido, em relação ao paradoxo apontado nas figuras, temos, na atualidade, no interior da ciência geográfica, propostas que por meio de diferentes matizes defendem que a recuperação do potencial explicativo da Geografia está na busca de sua unicidade e superação da tão desgastada dicotomia: físico-humano.

Nesse sentido, Mendonça (2002) propõe uma Geografia Socioambiental pela qual defende a idéia de que o conceito de ambiente/ambientalismo, tradicionalmente considerado sinônimo de natureza/naturalismo/ecologismo, seja reinterpretado à luz da relação sociedade-natureza e, por este viés epistemológico, tenta recuperar a visão holística/totalizadora, capaz de fornecer explicações do ponto de vista prático (dando respostas à sociedade) e do ponto de vista teórico (contribuindo para o avanço da ciência geográfica).

Martinelli, sob outro enfoque, em vários trabalhos, propõe a Cartografia Ambiental pela qual defende um trabalho comprometido com os problemas atuais, valorizando, para além de uma visão puramente técnica, a sistematização das informações geográficas, via interpretação da materialidade do espaço, como um caminho profícuo para o entendimento da realidade.

Moreira (1982), ao apontar a indústria como a grande vilã do meio ambiente, alerta os geógrafos para a necessidade de desvendar (via produção científica) as práticas socioespaciais dos principais agentes (Estado, empresários, industriais, entre outros) degradadores do ambiente a serviço do (grande) capital.

Pela necessidade de encerrar estas reflexões, ainda que incompletas, lembramos que o caminho para desvelar os impasses vividos pela sociedade moderna (ou, quem sabe, pós-moderna) não é único e linear, o que nos faz pensar que (como pesquisadores, educadores ou cidadãos comuns) precisamos viver as relações na alteridade e lembrar que o sentido de nossa existência está na interação com o outro (TUMA, 2005), este que é sujeito social e objeto frente ao olhar do pesquisador perante a sociedade e o homem.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MENDONÇA, Francisco. Geografia Socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete. (Org.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.121-144.
- MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In. MOREIRA, R. (Org.) **Geografia: teoria e crítica – o saber posto em questão**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 33-63.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 7º. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 2º. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SPOSITO, Eliseu Savério. A crise paradigmática e a crítica do conhecimento geográfico, **Geografia**, São Paulo, n. 14, p. 141-151, 1997.

TUMA, Magda Madalena. A diversidade como desafio. In: ANTONELLO, I. T.; MOURA, J. D. P.; TSUKAMOTO, R. Y. (Org.). **Múltiplas Geografias**: ensino, pesquisa e reflexão. Londrina: Humanidades, 2005. vol. II. p. 13-19.